

Afinal, que nome vai ter?

Mudança deixam a
dúvidas na população
e até na própria
administração regional

ANA CAROLINA OLIVEIRA

Dona Clementina Farias teve o seu endereço alterado do dia para a noite. Ela, que morava na Avenida MN1, conhecida como Via Oeste, passou a morar na Rua Espírito Santo sem que ao menos mudasse de casa. "Depois de dias é que vim reparar que morava em outra rua", conta. Baseada na lei 1.876 de 19 de janeiro, que dispõe sobre a alteração dos nomes das avenidas da Ceilândia, a administração da cidade decidiu dar nova certi-



Administrador interino afirma que comunidade será ouvida

dão de nascimento aos locais. Até aí estaria tudo normal não fosse a lei 4.052 de 10 de dezembro de 2007, que proíbe a mudança de nomes de ruas, vias, monumentos públicos, entre outros sem antes haver

audiência pública.

Enquanto os moradores afirmam que as placas permaneceram em algumas ruas por mais de um mês, o administrador interino Arthur Bernardes nega a existência das

placas e afirma que a administração está dentro das normas legais. "Essas placas nunca existiram. Primeiro nós vamos ouvir a comunidade e dependendo dos resultados é que vamos partir para audiência pública", reafirma. Segundo ele, existe uma equipe de cinco pessoas nas ruas que, até o carnaval, estarão responsáveis por consultar a população sobre o assunto. Mas ele não soube dizer sobre os resultados apurados até então. "Ainda não sabemos os resultados parciais, se a população aprova ou não", diz.

O gerente do Supermercado Espírito Santo, Vicente Paz afirma ter visto a placa com o nome do estabelecimento, que carregava a escrita "Rua Espírito Santo", mas perguntado sobre os nomes e as possíveis vantagens, ele conside-

ra que nada alterará. "Isso foi apenas uma coincidência ou então foi uma homenagem pela importância que o supermercado tem para Ceilândia", justifica.

Entre a população, o debate ganha força e há até quem almeje um novo endereço. Seu Francisco Cavalcante, morador do Setor P Sul reconhece a vontade de morar em uma rua que leve consigo o nome do seu estado de origem. "Eu queria morar na rua Ceará. Seria muito bom", diz. Já para a moradora do Setor P Norte, Rosilda Rodrigues, os nomes ajudariam a valorizar os nossos ícones, mas dificultaria os endereços. "Acho bom mudar para nomes importantes da nossa história, mas seria difícil mudar os endereços e já estamos acostumados com os nomes", destaca.